

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL  
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS INOVADORAS NA GRADUAÇÃO  
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

SILVANA MENDES SCHUINDT

A PRESENÇA DO NEGRO NAS PRODUÇÕES VISUAIS ESCOLARES: ESTUDO  
DE CASO EM ESCOLAS CURITIBANAS

CURITIBA

2015

SILVANA MENDES SCHUINDT

A PRESENÇA DO NEGRO NAS PRODUÇÕES VISUAIS ESCOLARES:  
ESTUDO DE CASO EM ESCOLAS CURITIBANAS

Trabalho apresentado como requisito parcial  
à conclusão do Curso de Especialização em  
Educação das Relações Étnico-Raciais –  
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros –  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Me. Wellington Oliveira dos  
Santos

CURITIBA

2015

*O sol de ontem pode ter se posto,  
mas sua luz iluminará os dias que virão.*  
*(Provérbio africano)*

## RESUMO

Durante minha formação acadêmica de Magistério e Pedagogia, cursei inúmeras disciplinas que contribuíram para o exercício de minha profissão, mas nenhuma discutiu a influência ideológica que uma imagem ou cartaz possui no contexto escolar. Nunca houve discussão sobre como essas imagens reforçam estereótipos, sustentam relações de desigualdade social, racial ou de gênero e do quanto as mesmas reproduzem relações de dominação. Logo a presente pesquisa visa analisar como as imagens do negro estão representadas nos espaços escolares de três escolas da rede municipal de Curitiba/PR, especialmente nos cartazes que são expostos nas paredes de salas de aula ou pátios, observando as ideias e valores que essas imagens passam em relação às relações raciais. Observamos como as escolas são decoradas e se essas imagens refletem na formação da identidade e construção de autoimagem positiva dos estudantes negros. Detectamos quais imagens (negros e brancos) predominam na decoração de paredes e murais, analisamos a variedade de imagens e se estas reforçam a ideia de estereótipos ou inferiorização do negro. A imagem é um meio de comunicação e mesmo as crianças iletradas são capazes de interpretá-las e internalizá-las, formando uma memória simbólica e iconográfica acerca do ambiente em que estão inseridas. A efetivação da Lei 10.639/03, no interior da escola visa em um dos seus aspectos a valorização e resgate da cultura negra, buscando uma pedagogia de aumento da autoestima; e o uso de determinadas imagens podem influenciar diretamente neste princípio. Concluímos que o fazer pedagógico precisa ter um olhar voltado para as diferenças individuais e uma sensibilidade para detectar situações constrangedoras entre os estudantes; a partir da exigência da lei é necessário estudo e reflexão sobre o tema para evitar equívocos ou idealizações. Por isso ao elaborar um cartaz ou mesmo receber esse material pronto, advindo do anexo de um livro didático, é necessário que os professores não tenham apenas um olhar meramente estético, mas um olhar apurado sobre as ideias veiculadas no mesmo, pois o racismo está no plano das ideias e se concretiza no uso de imagens estereotipadas. Constatamos que especialmente nas imagens que são produzidas por empresas contratadas para elaboração de cartazes pedagógicos, o negro aparece sempre em segundo plano, são sub-representados, produzindo assim a reprodução do preconceito racial junto ao alunado.

Palavras chaves: estereótipos, racismo, educação, identidade, memória simbólica, autoestima, representação do negro.

## ABSTRACT

During my academic training of Teaching and Education, I studied many disciplines that contributed to the exercise of my profession, but none discussed the ideological influence that a picture or poster has in the school context. Never has there been discussion about how these images reinforce stereotypes, maintain relations of social inequality, racial or gender and as the same reproduce relations of domination. Soon this research aims to analyze the images of black are represented in school spaces three municipal schools in Curitiba / PR, especially in posters that are displayed on the walls of classrooms or patios, observing the ideas and values that these images spend in relation to race relations. We observe how schools are decorated and if these images reflect the formation of identity and building positive self-image of black students. Which detect images (black and white) predominate in the decoration of walls and murals, we analyze the variety of images and whether they reinforce the idea of stereotypes or inferiority of black. The image is a means of communication and even illiterate children and are able to interpret them and internalize them, forming a symbolic memory and iconographic about the environment in which they operate. The implementation of Law 10.639 / 03, in the school aims in one aspect of the recovery and rescue of black culture, seeking a pedagogy of increased self-esteem; and the use of certain images can directly influence this principle. We conclude that the pedagogical need to have a look back to individual differences and sensitivity to detect embarrassing situations among students; from the requirement of the law is necessary to study and reflection on the subject to avoid misunderstandings or idealizations. So when designing a poster or even get this stuff ready, coming from the attachment of a textbook, it is necessary that teachers have not only a purely aesthetic look but a sharp eye on the ideas conveyed in it, because racism is on level of ideas and is realized in the use of stereotypical images. We found that especially in the images that are produced by contractors for the preparation of educational posters, the black appears always in the background, are under-represented, thus producing the reproduction of racial prejudice by the students.

Key words: stereotypes, racism, education, identity, symbolic memory, self-esteem, the black representation.

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	7
2. Método de Pesquisa .....	10
3. Revisão de literatura .....	13
3.1 Identidade e imagem.....	15
4. Trabalho de campo .....	17
4.1 Estudo exploratório - Escola A .....	17
4.2 Estudo exploratório - Escola B .....	18
4.3 Estudo exploratório - Escola C .....	21
5. Análise das imagens .....	22
5.1 Correlação entre as imagens de negros e brancos nas produções visuais escolares e as categorias de análise da pesquisa em livros didáticos e literatura infanto-juvenil de Paulo Silva (2005) .....	24
6. Considerações finais.....	38
7. Referências.....	41

## 1. INTRODUÇÃO

Durante minha formação acadêmica de Magistério e Pedagogia tive inúmeras disciplinas que contribuíram para o exercício de minha profissão, e uma que me marcou foi a de didática. No Magistério nos foi ensinado até a forma de apagar o quadro, as cores e tamanho da letra em um cartaz, etc., mas em nenhum dos cursos que frequentei durante esse percurso foi debatida a influência ideológica que uma imagem ou cartaz possui no imaginário infantil. Abordava-se apenas os aspectos técnicos, deixando de discutir sobre como essas imagens reforçam estereótipos, sustentam relações de desigualdade social, racial ou de gênero e do quanto as mesmas reproduzem relações de dominação.

Ao realizar a pós-graduação, o meu olhar voltou-se às imagens que circulam diariamente ou que ficam fixas em períodos curtos ou longos no interior da escola, como os cartazes ou as pinturas decorativas das paredes. A percepção inicial de meu ambiente de trabalho constatou uma disparidade em termos numéricos na representação de personagens negros no ambiente escolar.

Outro aspecto que me chamou a atenção na escola diz respeito aos diálogos proferidos durante momentos de planejamento de aulas ou mesmo de descontração nos intervalos. É recorrente a afirmação pelo corpo docente de que as crianças trazem o racismo de casa e que a escola não pode fazer muita coisa, pois as próprias crianças, especialmente as negras, é que são racistas, uma vez que não reconhecem o seu pertencimento étnico, dando o exemplo de que na maioria das vezes essas quando precisam fazer um autorretrato utilizam o lápis rosa ou na linguagem de muitos estudantes “cor de pele” para pintar esse desenho, ou mesmo em situações de conflitos uma criança negra fala do tom de pele da outra criança de tom mais claro que a sua usando uma linguagem ofensiva.

Para ilustrar, em uma discussão sobre a reposição do dia 20 de novembro, que foi proclamado feriado municipal conforme a Lei nº 14.224/2013, escutei a seguinte interrogativa: “Por que não existe o dia da consciência branca?”. São muitas as falas em nível de senso comum, que me fazem perceber o quanto ainda temos que caminhar na implementação do estudo das relações raciais no ambiente

escolar, pois ainda temos práticas e posturas arraigadas de racismo no universo escolar.

Existem diversos estudos sobre o racismo no ambiente escolar e grande parte destes estudos têm se voltado para a análise de obras didáticas e livros de literatura infanto-juvenis, os quais constataam que esses materiais foram e continuam sendo, mesmo após uma década de sanção da Lei 10.639/03<sup>1</sup>, mecanismos de manutenção e reprodução do racismo, através da invisibilidade de personagens negros ou da deturpação deste segmento étnico.

Percebe-se que esses estudos ainda estão em discussão apenas no âmbito universitário, pois por alguns motivos, dentre eles a própria formação, os (as) professores (as) da Educação Básica ainda sentem dificuldades em intervir em situações de racismo, preferindo silenciar ou procurar outros culpados que não seja a escola neste processo de exclusão racial.

Então, ao se discutir o racismo no ambiente escolar, é preciso estar atento às situações que inferiorizam o negro, desde as imagens e textos dos livros didáticos sob a forma de reforço de estereótipos, até nas relações sociais entre estudantes ou funcionários, vistas em discursos, bem como o racismo institucional deflagrado nas políticas educacionais que afetam negativamente o negro.

Logo a presente pesquisa visa analisar como as imagens do negro estão representadas nos espaços escolares, especialmente nos cartazes que são expostos nas paredes de salas de aula ou pátios, observando as ideias e valores que essas imagens transmitem em relação às relações raciais.

Pretendemos também:

- Discutir sobre como a maneira em que as escolas são decoradas reflete na construção da autoimagem dos estudantes negros, aferindo as relações simbólicas que estão presentes nestas imagens, tendo como foco a influência que essas exercem na formação da sua identidade e na autoafirmação do seu pertencimento étnico.

---

<sup>1</sup> Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".



Pretendemos discutir a formação da identidade da criança negra e também dos demais estudantes baseando-se em pesquisas teóricas e de minha prática pedagógica, pois:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. (MUNANGA, 2005, p.16).

- Detectar quais imagens (negros e brancos) predominam na decoração de paredes e murais.

- Analisar a variedade de imagens e se ocorre reforço de estereótipos ou inferiorização do negro nas produções visuais escolares.

## 2. MÉTODO DE PESQUISA

Embora os negros façam parte da construção da sociedade brasileira há séculos, e mesmo com as mobilizações de pesquisadores e do movimento negro, somente após a promulgação da Lei 10.639/2003 emergiu no contexto escolar brasileiro discussões sobre o ensino da cultura afro-brasileira e africana na escola, que em seu bojo suscitavam temas como discriminação racial, pertencimento étnico, racismo dentre outros.

Segundo as Diretrizes para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004), esses temas não têm seu nascedouro no ambiente escolar, porém pelo fato da escola fazer parte de uma estrutura social, logo são temas pertinentes que precisam ser refletidos e desmistificados, uma vez que se pretende construir uma educação emancipatória, integral e equitativa, independente da cor da tez, sexo, origem étnica e social.

Também as políticas de promoção de igualdade visam corrigir e reparar ações excludentes construídas historicamente e hierarquicamente ao longo de séculos, onde os grupos de matriz africana foram perdendo sua identidade e impedidos de ter acesso à ascensão social e cultural. Logo a escola tem papel preponderante no resgate desta história, desta cultura e suas contribuições na formação da nação brasileira.

O trabalho inicial partiu da análise de imagens de fotografias retiradas em 3 escolas diferentes da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. A escolha das unidades escolares foi a partir dos seguintes critérios: proximidade à minha residência e por conhecer pessoas que trabalham na gestão administrativa das mesmas, facilitando assim o meu ingresso nestes ambientes, e a delimitação de apenas três unidades deu-se por conta do grande número de imagens produzidas e que posteriormente seriam analisadas. Todas as escolas oferecem ensino fundamental de 1.º ao 5.º ano.

Foi necessário fazer uma delimitação acerca do tipo de imagem que seria analisada, pois são inúmeros materiais que estão circulando ou fixos diariamente dentro de uma instituição escolar, logo se delimitou pelas imagens expostas nas paredes dos pátios e salas de aula, sendo estas produções visuais construídas

quase que exclusivamente por professores ou dirigidas por eles, muitas produções também são realizadas pelos estudantes e ficam fixados e expostos nas paredes, esses cartazes normalmente possuem um caráter didático, onde se deseja que os estudantes memorizem alguma informação. Também me chamou a atenção as placas que servem como identificação de banheiros ou salas, bem como as imagens que estão postas nas mochilas que os estudantes adquirem ao ingressarem na escola, por isso fiz imagens de algumas mochilas também, porém neste último caso, foi feito um recorte, uma vez que não haveria logisticamente condições de acesso à todas as mochilas escolares.

Realizamos uma análise da presença do negro nesses cartazes, verificando a proporção em que aparecem pessoas negras, a (in)visibilidade das mesmas e a abordagem que lhe são dadas neste contexto. O trabalho ocorreu exclusivamente analisando as imagens fotografadas nas unidades escolares, sem a participação das pessoas que atuam nestes espaços.

A análise das imagens teve como base os estudos realizados sobre desigualdades raciais em livros didáticos e de literatura infanto-juvenil realizado por Paulo Vinícius Baptista da Silva (2002), que mostram que as desigualdades de desempenho de alunos estão articuladas no plano estrutural e simbólico.

Tendo em vista os resultados de pesquisas sobre o negro em livros didáticos de literatura infanto-juvenil brasileiro, sintetizada por Silva (2002), fiz uma correlação dos tópicos apresentados nesta pesquisa às imagens que obtive através das fotografias nas escolas analisadas, conforme os quadros a seguir:

Quadro 1 – Síntese de resultados de pesquisas sobre o negro na literatura infanto-juvenil brasileira

- **Associação do ser negro com castigo e com feiura** (ROSEMBERG, 1985);
- **Associação com personagens antropomorfizados** (não-humanos) (ROSEMBERG, 1985);
- **Associação, pela cor, com maldade, tragédia, sujeira** (ROSEMBERG, 1985; LIMA, 1999);
- **Estereotipia na ilustração de personagens negros** (ROSEMBERG, 1985; LIMA, 1999);
- **Sub-representação de personagens negros, em textos e ilustrações** (ROSEMBERG, 1985; BAZILLI, 1999; LIMA, 1999);
- **Menor elaboração de personagens negros**, com altas taxas de indeterminação de situação familiar e conjugal, escolaridade, origem geográfica, religião (ROSEMBERG, 1985; BAZILLI, 1999);
- **Correlação de personagens negros com profissões socialmente desvalorizadas** (ROSEMBERG, 1985; BAZILLI, 1999; LIMA, 1999; SOUZA, 2005);
- **O branco é apresentado como condição humana “natural”** como representante da espécie. Ser branco é a condição normal e neutra da humanidade; os não-brancos constituem

exceção (ROSEMBERG, 1985; BAZILLI, 1999; NEGRÃO 1988; NEGRÃO e PINTO, 1990);

- **Os livros são produzidos pressupondo como leitores crianças brancas.** O cotidiano e a experiência da criança negra são alijados do ato de criação dos personagens e do enredo dessa literatura (NEGRÃO, 1987; NEGRÃO, 1988; NEGRÃO e PINTO; 1990);
- **Mulher negra presa ao estereótipo** de empregada doméstica, particularmente as senhoras submissas, sem vida própria, devotada aos patrões brancos (ROSEMBERG, 1985; NEGRÃO, 1988; NEGRÃO e PINTO, 1988, 1990; PIZA, 1995; LIMA, 1999; SOUZA, 2005). Na literatura infanto-juvenil publicada após a década de 1970, entrada de outra personagem estereotipada, a "mulata sensual" (PIZA, 1995).

Fonte: Adaptado de Paulo Silva (2005).

## Quadro 2 - Síntese de resultados de pesquisas sobre o negro em livros didáticos brasileiros

- Personagem **branco como representante da espécie**, muito mais frequente nas ilustrações, representado em quase a totalidade de posições de destaque e ilustrações de capas (PINTO, 1987; Ana SILVA, 1988; Brasil/FAE, 1994; Paulo Silva, 2005); personagem negro menos elaborado que o branco (PINTO, 1987; Ana SILVA 1988; CRUZ, 2000; PAULO SILVA, 2005). **Sub representação do negro** (ANA SILVA, 2001; PAULO SILVA, 2005).
- Personagens **negros apareceram menos frequentemente em contexto familiar** (PINTO, 1987; ANA SILVA, 1988, 2001; PAULO SILVA, 2005) e **desempenham número limitado de atividades profissionais**, em geral de menor prestígio e poder (PINTO, 1987; Ana SILVA, 1988; CRUZ, 2000)
- **Crianças negras representadas em situações consideradas negativas** (ANA SILVA, 1988), raramente em contexto escolar ou desempenhando atividades de lazer (ANA SILVA, 1988, PAULO SILVA, 2005).
- Negros prevalentemente como personagens sem possibilidade de atuação na narrativa, em posição coadjuvante ou como **objeto da ação do outro**, em contraponto com personagens brancos, com atuação e autonomia (PINTO, 1987; CHINELLATO, 1996; CRUZ, 2000, PAULO SILVA, 2005).
- Discursos das crônicas transcritas em livros didáticos apresentam as **concepções preconceituosas compartilhadas pelos personagens negros** (CHINELLATO, 1996)
- As crônicas mais frequentes em textos didáticos apresentaram os **personagens negros pobres ou miseráveis, que desempenham os papéis sociais estereotipados ou estigmatizados** (CHINELLATO, 1996). Por outro lado, **as narrativas das crônicas desvelaram a existência do preconceito e o utilizaram para expor ao ridículo os agentes preconceituosos** (CHINELLATO, 1996).
- **Contexto sócio-cultural do negro omitido** nos livros analisados, nos quais prevaleceram os valores da cultura europeia (NEGRÃO, 1988; ANA SILVA, 1988, 2001; CHINELLATO, 1996; PINTO, 1999; OLIVEIRA, 2000; PAULO SILVA, 2005).
- **Ênfase na representação do negro escravo**, vinculado-o a uma passagem daquela condição à de marginal contemporâneo (Oliveira, 2000), associando o trabalho livre e o progresso do país aos brancos (CRUZ, 2000).
- Manutenção da **população negra confinada a determinadas temáticas** que reafirmam o lugar social ao qual ela está limitada (OLIVEIRA, 2000; PINTO, 1999; CRUZ, 2000; PAULO SILVA, 2005).

Fonte: Paulo Silva (2002).

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

A formação da identidade está relacionada à memória, gradativamente vamos formando imagens e conceitos acerca de quem somos e do que somos. Essa memória formada de maneira inconsciente vai tornando-nos conscientes daquilo que somos e de qual grupo pertencemos. Logo a identidade é construída gradativamente, nossas experiências positivas ou negativas vão moldando-nos, estamos em permanente construção de opiniões, ideias, conceitos e preconceitos ou, como diz Andrade, “Juntar os fragmentos da memória constitui o processo de identidade de uma pessoa.” (ANDRADE, 2005, p.120).

Desde suas primeiras experiências ainda no seio familiar a criança vai agregando emoções, sentimentos que vão formando sua identidade, seu contato com outras pessoas e meios de comunicação, a escola e outros grupos sociais ampliam seu aporte de conhecimentos e experiências infantis. Nesse processo a criança negra vivencia e cria seus primeiros conceitos sobre sua cor de pele. Como por exemplo, ao ligar a TV e ver na maioria das vezes crianças brancas e bem vestidas anunciando um brinquedo, naturalmente ocorre uma identificação de querer ser pertencente aquele grupo e ter aquele brinquedo anunciado.

A criança negra ao ouvir histórias de seu povo associadas ao sofrimento, escravidão, e maus tratos, dificilmente formará uma memória positiva de sua ancestralidade e reconhecerá o seu pertencimento étnico a esse grupo.

Portanto quando a criança chega à escola, as suas experiências infantis, já lhe fizeram criar mentalmente um autoconceito de si mesma, embora precário de quem ela é, pode ocorrer a negação da cor de sua tez, se esse autoconceito foi formado em famílias que silenciaram a discussão racial.

As experiências escolares a partir deste momento irão reforçar positivamente ou não essas autoafirmações que os estudantes possuem de si. Daí a importância e valor da escola na formação humana de qualquer criança, especialmente da criança negra.

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de

identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana. (ANDRADE, 2005, p.120).

Durante o percurso escolar as crianças irão perceber em seu cotidiano o quanto uns são diferentes dos outros, pois cada um possui uma história singular. É preciso a intervenção dos profissionais envolvidos no processo de educar quando essas diferenças promovem desigualdades e reforçam preconceitos, pois a escola é um espaço privilegiado de valorização da identidade e do respeito à diversidade.

Ainda encontramos muitos(as) educadores(as) que pensam que discutir sobre relações raciais não é tarefa da educação. É um dever dos militantes políticos, dos sociólogos e antropólogos. Tal argumento demonstra uma total incompreensão sobre a formação histórica e cultural da sociedade brasileira. E, ainda mais, essa afirmação traz de maneira implícita a ideia de que não é da competência da escola discutir sobre temáticas que fazem parte do nosso complexo processo de formação humana. Demonstra, também, a crença de que a função da escola está reduzida à transmissão dos conteúdos historicamente acumulados, como se estes pudessem ser trabalhados de maneira desvinculada da realidade social brasileira. (GOMES, 2005, p.146).

Na medida em que escola se propõe em desenvolver atividades que propiciem um refazer da história nacional, trazendo as histórias de resistências ou imagens ilustrativas positivas do povo negro, suas contribuições e influências para a formação da identidade do povo brasileiro, a história pessoal de cada criança também modificar-se-á.

As crianças irão reconhecer que cada um possui uma história, que todas possuem diferenças e essa diversidade não define quem é superior ou inferior, o que pode fortalecer sua autoestima.

Nilma Lino Gomes (2005) argumenta que para haver uma mudança significativa no interior da escola não basta programar a discussão das relações raciais como um conteúdo ou um tema transversal, mas entender como o racismo e outros processos constituintes da nossa formação humana se manifesta na nossa vida e no próprio cotidiano escolar. A mesma expõe que é necessária uma mudança de valores e posturas diante do racismo, principalmente por parte dos professores.

E é justamente o campo dos valores que apresenta uma maior complexidade, quando pensamos em estratégias de combate ao racismo e de valorização da população negra na escola brasileira. Tocar no campo dos valores, das identidades, mexe com questões delicadas e subjetivas e

nos leva a refletir sobre diversos temas presentes no campo educacional. (GOMES, 2005, p.149).

Portanto a implementação da lei 10.639/03, não está relacionada apenas ao acesso dos professores a cursos de formação, ao estudo das Diretrizes Curriculares ou a formação da equipe multidisciplinar dentro do ambiente escolar, mas também na promoção de uma reflexão de seu papel na formação dos estudantes, reflexão que exige mudança de valores e posturas que devem ser pautadas em princípios éticos.

O Parecer do Conselho Nacional de Educação n.º 03/2004<sup>2</sup> (BRASIL, 2004), nos indica em sua introdução a importância da Lei 10.639/03 no ambiente escolar, na medida em que esta promove o reconhecimento e valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira.

E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras. Requer também que se conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira; mito este que difunde a crença de que, se os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros, é por falta de competência ou de interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros. (BRASIL, 2004, p.03)

### 3.1 Identidade e imagem

Podemos dizer que a identidade é formada a partir de experiências vivenciadas, que vão se alojando na memória individual de forma consciente e também inconsciente.

Diariamente estamos imersos em um oceano de imagens, que nos conduz a formar opiniões e criar conceitos acerca dos outros e de nós mesmos, promovendo assim uma influência significativa na formação de nossa personalidade.

---

<sup>2</sup> Parecer homologado e publicado no Diário Oficial da União de 19/5/2004. Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Sendo relatora: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva.

Dentro desse mundo midiático no qual muitas imagens apresentadas sobre a população negra são carregadas de preconceitos e estereótipos, no ambiente escolar percebe-se que:

(...) predomina uma não ruptura com a mentalidade colonial que se viabiliza porque a moral e a imaginação dessa elite se desenvolveram com base em uma educação eurocentrada, alimentada pela ilusória e monolítica noção de modernidade. (TAVARES, 2010, p. 52).

A imagem é um meio de comunicação e mesmo as crianças iletradas, são capazes e interpretá-las e internalizá-las, formando em si, uma memória simbólica e iconográfica acerca do ambiente em que estão inseridas.

A efetivação da Lei 10.639/03, no interior da escola visa em um dos seus primeiros aspectos a valorização da cultura negra, buscando uma pedagogia de aumento da autoestima, o uso de determinadas imagens podem influenciar positivamente ou não na construção deste objetivo.

As pesquisas mostram o quanto é comum nos depararmos com imagens em livros didáticos e de literatura infanto-juvenis que reforçam situações de ridicularização do negro, muitas vezes não percebidas, passando despercebidas inclusive pelos próprios autores.

Entretanto, no dia-a-dia quando se faz levantamento das ancestralidades dos estudantes é comum além dos estudantes brancos, os estudantes negros também atribuírem-se como euro-descendentes, inclusive com certo tom de orgulho, pois as abordagens principalmente encontradas nos livros didáticos através de suas imagens e textos, são sempre da população negra escravizada, passiva, limitando-se apenas a esse momento.

Essa preocupação com a aproximação daquilo que é padrão, não se restringe somente as crianças, basta voltar no tempo e na história para aprender que houve toda uma política de “branqueamento” da nação brasileira através de discussões de políticos e cientistas, estimulando a miscigenação com a vinda dos imigrantes.



#### 4. TRABALHO DE CAMPO

O processo de coleta de dados ocorreu de forma igual, porém em datas distintas nas unidades escolares. Na escola A, as imagens foram coletadas no mês de dezembro de 2012 e nas escolas B e C esse processo ocorreu no mês de setembro de 2013, essa diferença de datas ocorreu pelo fato do término da especialização no ano de 2012 e início da orientação da monografia, após houve uma pausa nas atividades de orientação e retomada da mesma em maio de 2013 com a mudança do orientador.

Ao visitar as instituições onde ocorreria a pesquisa, observei uma diversidade muito grande de imagens fixas e circulantes nestes ambientes. Considero as imagens fixas, aquelas que são usadas de médio a longo período de tempo como: cartazes do alfabeto, de numerais, de aniversariantes, calendários, capa de cadernos e livros didáticos, estampa das mochilas, pintura nas paredes e etc. As imagens circulantes englobam cartazes que são usados por um período curto como, por exemplo, o de um texto coletivo ou de algum assunto específico do currículo escolar.

A elaboração destes cartazes normalmente ocorre pelos profissionais da escola, porém é grande a variedade de cartazes e imagens elaboradas por outras instâncias, e também pelos próprios estudantes.

##### 4.1 Estudo Exploratório – Escola A

Marquei junto à direção desta escola para fotografar as imagens expostas na escola, após o horário letivo, para que não houvesse questionamentos por parte dos professores sobre o motivo pelo qual essas imagens seriam usadas, mesmo assim, uma professora tinha ficado na escola organizando seu trabalho, e ao adentrar a sua sala e tirar algumas fotos a mesma questionou a finalidade das imagens e ao explicar que eu faria uma análise das mesmas para composição desta monografia, a mesma relatou que não gostaria que sua sala fosse fotografada. Respeitei sua vontade e excluí as fotos, pois provavelmente a mesma sentiu-se invadida em seu ambiente escolar, e possivelmente por saber que não é uma preocupação sua expor materiais que se preocupam com as relações raciais.

Nesta unidade escolar foi coletado um total de 252 fotos. São imagens

variadas, tudo que havia nas paredes, portas, teto e pátio foram fotografados.

Iniciei fazendo classificação das fotos, dividindo-as em imagens com personagens e imagens sem pessoas ou personagens, chegando a um total de 169 itens para a primeira categoria e 83 para a segunda divisão. Logo, os números demonstram que o uso de imagens com representações de pessoas ou personagens é muito recorrente no ambiente escolar.

Ao analisar os dois grupos de imagens iniciei pelo que tinha personagens ali representados em alguma situação, para discutir as relações raciais fazendo uma classificação em relação a cor da pele e ou etnia conforme tabela a seguir.

Tabela 1: Classificação das imagens coletadas com personagens, de acordo com a etnia ou cor de pele.

	<b>Imagens com Personagens negros</b>	<b>Imagens com Personagens brancas</b>	<b>Outras etnias</b>	<b>Sem classificação</b>	<b>Total de imagens coletadas</b>
<b>Escola A</b>	10	154	3	2	169

Fonte: pesquisa da autora.

Percebemos nesta tabela que ocorre uma desproporcionalidade existente entre a representação de pessoas ou personagens negros e brancos, aferindo uma média de 15,4 imagens de brancos para cada imagem com personagem negro.

#### 4.2 Estudo Exploratório – Escola B

Na escola B também fiz contato com a direção e combinei em fotografar as imagens após o horário escolar. No dia em que fui fotografar, a responsável em fechar a escola demonstrou simpatia, porém percebi que estava com pressa para ir embora, por isso direcionei a retirada das fotos para as imagens que continham pessoas ou personagens, em virtude do tempo disponível para realização desta coleta.

Foi possível coletar 173 imagens nesta unidade, sendo que 163 itens

continham pessoas ou personagens e 10 itens não continham pessoas ou personagens. Ao fazer contagem das imagens que tinham pessoas ou personagens segundo a cor da pele pude verificar que nesta unidade tinha a seguinte representatividade:

Tabela 2: Classificação das imagens coletadas com personagens, de acordo com a etnia ou cor de pele.

	Imagens com Pessoas ou personagens negros	Imagens com Pessoas ou personagens brancas	Outras etnias	Sem classificação	Total de imagens coletadas
<b>Escola B</b>	30	127	2	4	163

Fonte: pesquisa da autora.

Percebemos nesta tabela que assim como na escola A, há também uma desproporcionalidade existente entre a representação de pessoas ou personagens negros e brancos, apontando 4,33 imagens de brancos para cada uma de negro.

Nesta unidade escolar foi possível perceber maior exposição de imagens relacionadas ao negro e a África, sendo deflagrado um erro conceitual muito comum no ambiente escolar, onde ao trabalhar o continente africano não ocorre uma diferenciação acerca de que este continente é formado por 54 países. Tudo é colocado do mesmo caldeirão como se fosse uma coisa única, exemplificado pela figura 1.

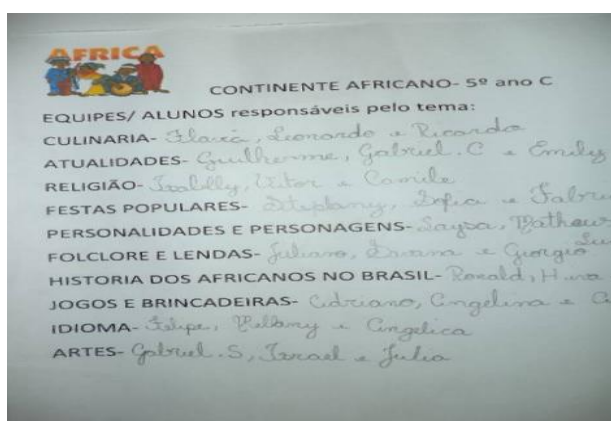


Figura 1 - Imagem de cartaz escolar fixado na parede sobre a divisão de uma pesquisa escolar  
Fonte: pesquisa da autora.

Seria possível fazer uma pesquisa sobre esses itens solicitados em relação ao segundo continente mais populoso do planeta Terra e terceiro em termos de

extensão. Ao propor esse tipo de trabalho aos estudantes, provavelmente a professora, não refletiu sobre a dimensão que seria elaborar um trabalho com esses temas elencados, o que reforça a ideia, presente no imaginário racial brasileiro, de que a África é uma coisa só.

E a temática da história dos africanos no Brasil, como fazer uma abordagem resgatando uma história de mais de 400 anos? Não seria uma pesquisa muito extensa para solicitar aos estudantes no nível de ensino em que se encontram? Será que a preocupação ao planejar esta atividade está relacionada em dar significado e conhecer a cultura africana ou apenas para cumprir uma exigência, sem preocupação com a real importância da temática?

O mesmo erro conceitual verificou-se na bandeira considerada a bandeira da “África”. Pois da mesma forma ocorre uma generalização, atribuindo ao continente Africano, o conceito de que existe uma uniformidade nos vários aspectos culturais, estruturais e físico deste continente. Não diferenciando as características dos diferentes países, bem como identificando que o continente não possui uma bandeira e sim o país África do Sul.



Figura 2 - Imagem de um cartaz exposto na entrada de uma sala  
Fonte: pesquisa da autora.

### 4.3 Estudo exploratório - Escola C

Na escola C, fiz contato também com a equipe gestora e após autorização para fazer as imagens me dirigi até esta unidade, porém só consegui fazer imagens de uma parte da escola, pois as demais salas estavam fechadas.

Mesmo após algumas tentativas não consegui realizar o restante das imagens, pois não seria possível fotografar durante o horário escolar, com a presença de professores e estudantes e após o horário, normalmente a escola já se encontrava parcialmente ou totalmente fechada.

Em minha visita inicial nesta unidade consegui coletar 40 imagens de cartazes nas salas de aula e pátio, as imagens majoritariamente são de textos informativos, ligado à algum conteúdo escolar ou componente curricular.

Minha análise parcial destas imagens coletadas são similares em alguns aspectos aos das imagens coletadas nas escolas A e B, onde há uma predominância do padrão de branquidade e o negro é invisibilizado também, porém como não consegui imagens da totalidade deste ambiente não poderei fazer uma análise mais apurada deste espaço.



Figura 3 - Modelo de uma atividade de um estudante que encontrava-se na sala de arte.  
Fonte: pesquisa da autora.

## 5. ANÁLISE DAS IMAGENS

A Portaria n.º 08/06<sup>3</sup> do Estado do Paraná, cita alguns princípios a serem observados no trabalho com as relações raciais no interior da escola, dentre elas destacamos: a recuperação da autoestima e do orgulho de ser negro. Uma das formas de resgatar essa autoestima é fazer abordagens positivas, realçando a presença e a contribuição do negro na cultura brasileira, da mesma forma é importante que os estudantes se sintam representados no ambiente em que vivem.

Conforme os dados apresentados, percebemos que a maioria das imagens que aparecem são de pessoas ou personagens brancos, logo, a partir destes modelos que lhes são impostos fica difícil da criança negra construir uma autoimagem positiva de si, pois nesta fase elas estão num processo de formação de sua personalidade, absorvendo essas referências.

Ao fotografar as mochilas me deparei com imagens onde há exclusivamente princesas e personagens da mídia, percebemos um padrão de branquidade normativa nestes personagens, onde são sempre brancos, olhos claros e magros.

Isso também foi constado nas decorações que são colocadas pelos profissionais da escola nas paredes e placas de banheiro e portas, bem como nos desenhos realizados pelos estudantes.



Figura 4 – Exemplo de personagem em mochila  
Fonte: pesquisa da autora.

Portanto o modelo reforçado é sempre o mesmo, logo as características

---

<sup>3</sup> Trata das normas complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Estado do Paraná, contida no processo n.º 8802006.

físicas que fogem deste padrão acabam servindo de subterfúgio para hostilizar o outro, usando normalmente os termos “negro – gordo” com um tom pejorativo gerando ofensa e constrangimento a pessoa que se encaixa neste fenótipo. Em geral as crianças reproduzem em seus desenhos o grupo que desejam participar também.

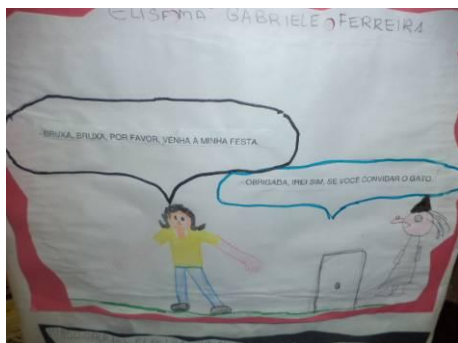


Figura 5 e 6 – Exemplos de imagens encontradas no mural da sala de aula  
Fonte: pesquisa da autora.

O parecer também comenta sobre a necessidade de se trabalhar a individualidade das crianças, logo quando lhe é apresentada maciçamente imagens de um único modelo estético, os estudantes irão absorvendo esse modelo e buscando uma identificação com os mesmos, por isso, há que se valorizar as diferenças entre as etnias, destacando sua ancestralidade.

Quando se pergunta ao estudante negro sobre sua origem o mesmo fica sem respostas, pois as políticas de escravidão e a queima dos arquivos após a abolição da escravatura romperam com qualquer forma de identificação das origens dos grupos africanos que vieram para o Brasil, enquanto que a criança branca sente orgulho em ser euro-descendente, chegando a falar com detalhes sobre a vida dos avós e de que parte estes vieram da Europa.

Sem uma memória positiva, sem conhecer figuras de destaque de seu povo, as conquistas importantes no campo das artes, das ciências, as crianças negras têm muita dificuldade em formar uma imagem positiva de seus iguais. Consequentemente, não formam uma imagem positiva de si próprias, enquanto negras. (BENTO, 2006, p.45).

Portanto o resgate dessa história se faz necessário para que os conceitos negativos construídos historicamente sejam desfeitos e as pessoas possam se relacionar seguindo o princípio da afeição: onde ao se relacionarem as pessoas possam se tratar com respeito, aceitando as diferenças existentes entre as diferentes etnias.

### **5.1 Correlação entre as imagens de negros e brancos nas produções visuais escolares e as categorias de análise da pesquisa em livros didáticos e literatura infanto-juvenil de Paulo Silva (2005)**

#### **5.1.1 Associação do ser negro com castigo e com feiura**

Neste item encontramos imagens de pessoas negras escravizadas. essas imagens que representam a condição de dominado, naturalizam o sofrimento e reforçam a dor e é comumente encontrada nos livros didáticos também, e segundo Pacífico (2013, p.23), onde a mesma analisa imagens rememoradas por estudantes percebe-se que: “O tronco representa um símbolo que coloca o negro, não como parte integrante e importante da História passada e presente do Brasil, mas como um sujeito dominado pelo chicote, pela algema e pelo tronco.”



Figura 7 - cartaz encontrado na sala de aula  
Fonte: pesquisa da autora.

O trabalho com os atributos físicos é importante para a igualdade racial, pois se as crianças negras conviverem com imagens positivas acerca de sua etnia e perceber sua representatividade nos cartazes escolares aprenderão a se sentir bem



consigo mesmas, enquanto que as crianças brancas aprenderão que seus atributos físicos e culturais não são melhores do que os da criança negra.

### **5.1.2 Associação com personagens antropomorfizados**

Enquanto nos livros didáticos e de literatura infanto-juvenil, esse item é muito comum, nas imagens coletadas não foi encontrado em nenhum cartaz das escolas pesquisadas.

### **5.1.3 Associação, pela cor, com maldade, tragédia, sujeira.**

Em uma das escolas analisadas, encontrei um calendário com imagens de pessoas negras, o mesmo foi criado pela Organização Médicos sem Fronteiras, neste calendário encontramos tanto imagens positivadas como médicos negros atendendo a população bem como imagens reforçando a tragédia vivida por comunidades africanas, aparecem mulheres com expressão triste, crianças raquíticas, fome explícita, pobreza e semblante de falta de perspectiva da população africana.

Ao internalizar uma imagem ruim sobre seu povo e sobre si próprio, o estudante negro pode negar a sua cor, criticar outros negros e se esforçar para parecerem brancos. Pois ninguém gostaria de associar-se ao grupo que não é valorizado pela sociedade.

A própria palavra “negro” é considerada com algo ruim, sendo que muitos até preferem evitar de usá-la, preferindo empregar uma figura de linguagem denominada *eufemismo*, que tende a suavizar a ideia transmitida, usando outros vocábulos como *moreninho*, *pessoa de cor*, etc., como se tivesse cor apenas os que são negros.



Figura 8 – calendário exposto na sala  
Fonte: pesquisa da autora.

#### 5.1.4 Estereotipia na ilustração de personagens negros.

O racismo é escamoteado e reproduzido através do uso de imagens estereotipadas, portanto toda a população negra é concebida frequentemente com as mesmas características, é comum ouvir que todo negro gosta de sambar ou de futebol, associa-se esse segmento racial a determinados modelos pré-concebidos. Difundindo assim ideias equivocadas, reforçando o racismo de forma velada.

O estereótipo é a prática do preconceito. É a sua manifestação comportamental. O estereótipo objetiva (1) justificar uma suposta inferioridade; (2) justificar a manutenção do status quo; e (3) legitimar, aceitar e justificar: a dependência, a subordinação e a desigualdade. (SANT'ANA, 2005, p. 65).

As imagens estereotipadas são difundidas no ambiente escolar não havendo reflexão sobre as mesmas, isso acontece tanto em relação à população negra como em relação à indígena, frequentemente são imagens que estão expostas nos murais e no cartaz de alfabeto onde o objetivo inicial é apenas a relação fonema/grafema, mas que indiretamente passa uma imagem pré concebida única e exclusiva daquele segmento.

As imagens estereotipadas limitam a imaginação das crianças e essas passam a utilizar essas imagens como referência e a imitá-las, difundindo formas simbólicas e sustentando relações de poder.

Em sua pesquisa sobre a rememoração de imagens, Pacífico (2013) percebe

que a grande maioria da representação do negro é associada aos maus tratos do escravismo, sempre em situações depreciativas.

Constata-se que a imagem/representação do negro estereotipada é resultado de uma construção coletiva. Ninguém cria novas imagens individualmente. Grupos de pessoas as criam e, uma vez criadas, tomam corpo, adquirem vida própria e através dos vários veículos de comunicação tornam-se senso comum. (PACÍFICO, p. 10, 2013)

Pesquisas sobre discriminação na escola apontam para alto índice de pessoas que admitem ter algum preconceito étnico-racial, como no quadro a seguir.

Tabela 3 - Porcentual de pessoas que afirmam ter algum nível de preconceito contra as seguintes questões

<b>Necessidades especiais</b>	<b>96,5 %</b>
<b>Étnico-racial</b>	94,2%
<b>Gênero</b>	93,5%
<b>Geracional</b>	91,0%
<b>Socioeconômica</b>	87,5%
<b>Orientação sexual</b>	87,3%
<b>Territorial</b>	75,9%

Fonte: Pesquisa sobre preconceito e discriminação no ambiente escolar – FIPE 2009 (In Revista Nova Escola, maio de 2014).

Os dados revelam um alto índice de pessoas que admitem possuir algum tipo de preconceito, isso é explicitado no ambiente escolar na forma da construção dos materiais trabalhados como as imagens apontadas nessa pesquisa. Logo é necessário elucidar e refletir sobre todo esse processo, para combater o preconceito e garantir práticas mais humanizadas no interior das escolas.



Figura 9 – modelo de um alfabeto encontrado em uma sala de aula  
Fonte: pesquisa da autora.

### 5.1.5 Sub-representação de personagens negros, em textos e ilustrações.

A Lei 10.639/03 é uma política de reparação voltada para a educação das Relações Étnico-Raciais. Esse reconhecimento conforme o parecer do CNE implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira.

Também o reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino. Reconhecer exige que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual. (BRASIL, 2004).

Esse reconhecimento deve estar no dia-a-dia nas ações diárias do ambiente escolar não apenas na forma de projetos com dias específicos, a representação do negro precisa ser colocada na mesma proporção aos demais, percebe-se nas imagens coletadas que mesmo havendo essa inserção, mesmo assim ainda o negro é sub-representado ocupando posição de figurante.

Esse tipo de imagem como mostra a imagem 10 e 11, corrobora para a manutenção da posição social e designa o lugar que cabe a população negra. Fenômeno igualmente encontrado principalmente nas telenovelas brasileiras, informes publicitários e outros recursos midiáticos.

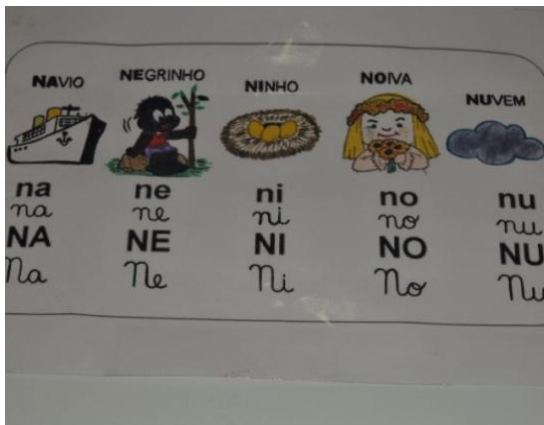


Figura 10 – cartaz com sílabas  
Fonte: Pesquisa da autora

Figura 11 – cartaz exposto na sala de aula  
Fonte: Pesquisa da autora



Como podemos ver na figura 11, o personagem negro está inserido, porém de forma desproporcional em termos numéricos, sendo 4 personagens brancos para 1 negro, essa representação também não é desigual apenas em termos numéricos mas também na disposição e no destaque visual, observando que sua posição ocupa o último plano do cartaz assumindo um papel de coadjuvante na imagem exposta. Transmitindo a ideia de uma pseudo - inclusão.

#### **5.1.6 Menor elaboração de personagens negros, com taxas de indeterminação de situação familiar e conjugal, escolaridade, origem geográfica, religião.**

Ao analisar esse item percebemos que também não há uma preocupação em relação a esses aspectos nas representações, até porque em geral os cartazes possuem basicamente um foco didático, servindo para transmitir e reforçar informações e memorização de letra/som ou famílias silábicas. Logo, tanto na população negra como branca, a situação familiar e conjugal, escolaridade, origem geográfica e religião são irrelevantes, pois em geral as imagens são descontextualizadas.

Para análise deste item com mais precisão caberia uma nova pesquisa

abordando os materiais didáticos utilizados em sala de aula.

#### **5.1.7 Correlação de personagens negros com profissões socialmente desvalorizadas.**

Também não houve coleta, desse tipo de imagem por se tratar na sua maioria de imagens descontextualizadas de um ambiente.

#### **5.1.8 O branco é apresentado como condição humana “natural”, como representante da espécie. Ser branco é a condição normal e neutra da humanidade: os não brancos constituem exceção.**

As imagens das mochilas, capas de cadernos e penais escolares seguem sempre um padrão, são majoritariamente imagens de personagens da mídia, logo é apenas uma reprodução daquilo que está posto no cotidiano das crianças.

Essas imagens reproduzem um padrão de branquidade, onde quase na sua totalidade as personagens possuem a tez branca e olhos claros, também são magras e com cabelos lisos e longos, conforme verificado na figura 12.



Figura 12 – imagem encontrada na mochila escolar.  
Fonte: Pesquisa da autora

No ambiente escolar, quando são levadas imagens prontas ou impressas de sites, esse mesmo padrão de branquidade se repete, colocando determinadas características como cor de pele, forma do cabelo e cor dos olhos como padrões universais.

A imagem da figura 13 é um cartaz de aniversariantes, onde cada criança mostrada representa um estudante da turma e um aniversariante daquele mês, foi montado com um padrão onde só há para os meninos duas opções de cor de cabelo, e para as meninas 3 opções de penteados, todos possuem o mesmo formato de olhos, boca e mesma cor de pele (branca). Em um país com sucessivos processos de mestiçagem, onde segundo a Pnad no ano de 2008, 50,64 % da população brasileira declaram-se pretos ou pardos, essa população é tida como negra, logo no espaço da sala de aula esses dados devem ser representados de forma visível também. Não é possível afirmar que em uma sala de aula brasileiras os estudantes sejam identificados como totalmente brancos.

Ou seja, ao propor esse tipo de atividade os professores estão mesmo que inconscientemente corroborando para colocar o branco como representante da espécie. Não é dada alternativa aos estudantes de representar-se fora deste padrão. Logicamente os estudantes na idade em que se encontram e mesmo pelas relações afetivas com a professora que possuem neste nível de ensino, querendo agradá-las aceitam passivamente, e assim vão formando sua identidade. E em um momento que lhes são solicitados para que façam um autorretrato, muito provavelmente estas não se representarão próximo da realidade, mas sim próximo daquelas referências padrões que lhe foram imputadas ao longo de seu processo de escolarização.



Figura 13 – cartaz de aniversariantes exposto em uma sala de aula.  
Fonte: Pesquisa da autora

Esse tipo de confecção de cartaz não valoriza a diversidade de características



físicas existente na sala de aula, como valorizá-la se não há um reconhecimento da existência delas, todos são representados praticamente da mesma forma, não há uma diferenciação de suas identidades.

Muitas vezes há uma preocupação com a estética, repassando modelos prontos aos estudantes, para que fiquem do mesmo tamanho, atendam alguns critérios e se perde o mais importante que é a valorização das diferenças existentes entre os seres humanos.

#### **5.1.9 Os livros são produzidos pressupondo como leitoras crianças brancas.**

(No caso desta pesquisa, substituem-se livros por imagens)

Conforme podemos verificar nas figuras a seguir as imagens são produzidas para determinada segmento racial, como se apenas houvesse crianças brancas na escola, nas diversas imagens especialmente de cor dos olhos que encontrei em sua maioria são pintados com canetinhas ou lápis de cor azul, os cabelos são representados pela cor amarela como se fossem todos loirinhos, e a cor de pele no tom de rosa.

Essas formas de representação encontrada atende a esse pressuposto, onde as imagens valorizam apenas um segmento étnico – o branco.







Figuras: 14, 15, 16, 17 e 18. Placas e cartazes encontrados nas salas de aula e portas das salas.

Fonte: Pesquisa da autora

#### **5.1.10 Mulher negra presa ao estereótipo de empregada doméstica, particularmente as senhoras submissas, sem vida própria, devotada aos padrões brancos, ou representação da “mulata sensual”.**

Em relação a esse item não encontrei nenhuma imagem que fizesse relação direta com o critério analisado.

#### **5.1.11 Personagens negros aparecem menos frequentemente em contexto familiar.**

Também foi difícil analisar esse item, uma vez que as imagens são descontextualizadas, o que mais aproxima foi a figura 19, onde mostra a confecção de um cartaz com recortes de revistas, onde verifica-se situações familiares, no mesmo aparecem crianças brancas e negras sozinhas. Não havendo uma imagem específica para aferir o critério analisado.

Um ponto positivo é que as crianças negras representadas no cartaz não estão em situações depreciativas.



Figura 19 – cartaz confeccionado provavelmente por estudantes mostrando crianças e famílias

Fonte: Pesquisa da autora

#### 5.1.12 Crianças negras representadas em situações consideradas negativas.

A figura 20 retrata uma criança negra sofrendo maus tratos por uma branca, é uma situação negativa, porém pode ser amenizado com a observação de que esta situação é proibida.

Ao analisar o conjunto dos cartazes que compõem esse material, observei que houve uma preocupação de inserir diferentes etnias, como nesse caso da figura 20, onde a criança branca parece ser asiática, esse cartaz pelo próprio material, nota-se que é industrializado, ou seja, produzido por uma empresa que produz materiais didáticos e a preocupação destes fabricantes até pelas discussões que tem ocorrido sobre a temática das relações étnico – raciais é inserir personagens de várias etnias, porém não há reflexão sobre como o mesmo está representado.



Figura 20 – cartaz sobre as regras da sala de aula.

Fonte: Pesquisa da autora

### 5.1.13 Contexto sócio-cultural do negro omitido, prevalecendo valores da cultura europeia.

Como na maioria das imagens a representação das pessoas e personagens é desvinculada de seu ambiente sócio-cultural, não foi possível afirmar se valores da cultura europeia se prevalecem aos demais.

### 5.1.14 Ênfase na representação do negro escravo.

Ainda encontramos figuras que fazem esse reforço do negro como escravo. Não há necessariamente um reforço deste critério, porém como a imagem estava exposta em um mural, logo se conclui que diariamente os estudantes estão em contato com a mesma, e esta ficará na memória imagética dos mesmos.



Figura 21 e 22 – imagens expostas no mural da sala de aula  
Fonte: Pesquisa da autora

**5.1.15 Manutenção da população negra confinada a determinadas temáticas que reafirmam o lugar social ao qual ela está limitada.**



Imagem 23 – cartaz afixado na sala de aula.  
Fonte: Pesquisa da autora

Conforme a imagem 23, percebemos que alguns espaços sociais são reafirmados como se pertencessem exclusivamente à população negra, como por exemplo o espaço da cozinha, do samba e do campo religioso, as religiões de matriz africana. Pois, na maioria das vezes não há uma relação com outras etnias nestes espaços, ocorre um julgamento prévio de que determinada característica é única e exclusiva de determinado grupo social, e isso vai se ampliando não apenas em relação ao negro mas em relação aos diferentes grupos sociais, ocorrendo o que chamamos de preconceito racial.

Esse sistema é muito bem estruturado no campo simbólico, através das imagens como esta apresentada (23) e no campo material, roupas, comidas, salário, piadas e etc. promovendo a perpetuação do racismo, produzindo as desigualdades nos diferentes espaços sociais, inclusive dentro da escola.

Como a área de atuação social é restringida também os conhecimentos da África da diáspora em arquitetura, navegação, medicina, ciência, filosofia, matemática, geometria, agricultura, etc, são pouco conhecidos, bem como da África atual limitando a produção e divulgação do conhecimento da população negra.

Em geral tudo temos acesso passa pelo crivo de que surgiu na Europa, não existe uma história anterior, sendo assim é atribuída um valor de que estes povos

são são superiores nos diversos campos do conhecimento humano, e são transformados em cânones.

O trabalho com as relações étnicas pretende-se não inverter esse paradigma, mas resgatar o protagonismo do negro na história do país, valorizando suas conquistas sociais que foram produtos de enfrentamento e resistência e não dádiva dos governantes elitistas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese as imagens encontradas nas escolas analisadas apontam para um resgate de representatividade do negro, percebemos uma certa frequência de imagens que continham personagens negras, porém assim como nas pesquisas realizadas em livros didáticos e literatura infanto-juvenil, nessas imagens que povoam o ambiente escolar mantêm-se uma desproporção entre a representação de brancos e negros, mantêm-se também a tendência de representações estereotipadas e socialmente limitadas a um determinado espaço social

Essa desproporção configura-se numericamente na presente pesquisa, onde existe aproximadamente sete imagens de personagens brancos para um negro.

É importante um maior aprofundamento teórico dessa temática no ambiente escolar, promovendo um trabalho para além da valorização dos aspectos culturais da população negra, fazendo-se necessário resgatar as contribuições também na construção social, política e intelectual de nossa sociedade.

Apesar dos avanços, que são tênues, as permanências continuam nas rememorações. Os espaços sociais permitidos para o sucesso da população negra, que são as artes, música e esporte são enfatizados. Aos homens negros foram dado o direito de ocupar a posição de jogador de futebol, com altos salários, pela desenvoltura física e habilidade ao desempenhar esta função. Mas a capoeira dificilmente é estudada com maior aprofundamento teórico, sendo por vezes folclorizada. (PACÍFICO, 2003, p.38 ).

A Lei n.º 10.639/03 precisa garantir estudos da África e da Cultura Afro-brasileira, durante todo o ano letivo, e não apenas em datas comemorativas oficiais, desvelando assim as formas de tratamento desigual entre brancos e negros ocorrida também dentro do espaço segregatório da escola.

Além desses momentos de aquisição do conhecimento, estudo e trabalho com essa temática é de suma importância pensar nas atitudes e situações discriminatórias eventualmente observadas no ambiente escolar e que estão explicitadas nos materiais observados nesta pesquisa, o não silenciamento é um fator importante na construção de práticas democráticas e de cidadania, combatendo assim o racismo e demais formas de discriminação.

Também é necessário questionar práticas que foram se naturalizando pela sociedade, e reproduzidas no espaço escolar também, onde a população negra é depreciada através de piadas ou falas preconceituosas, essas práticas também são verificadas por José Lemos Monteiro (2002), onde o mesmo faz uma pesquisa sobre o emprego do termo negro em obras literárias comenta que “o brasileiro denuncia em suas formas de manifestação linguística um sentimento de desvalorização ou de aversão ao negro e, de modo oposto, uma atitude de apreço e respeito pelo branco” (2002 p.1). Esses discursos evidenciam o preconceito existente em nossa sociedade e precisam ser revistos para que efetivamente possamos atender o que está previsto na Lei 10.639/03, pois não adianta somente mudar os materiais, livros e imagens se velhas posturas e discursos não forem transformados também.

Apesar de mais de uma década da promulgação da Lei 10.639/03 e complementada pela Lei 11.645/08, os avanços em relação ao que concebe à Educação das Relações Étnico-Raciais, ainda são pequenos, e esta efetivamente não se configura como uma realidade concreta no interior das escolas, havendo ainda uma demanda grande de trabalho a ser feito.

A escola é um espaço de formação, em que as relações interpessoais devem ter como base o respeito, sendo que esse pressuposto não aparece apenas nas leis que regem todo o sistema educacional mas também estão presentes nos seus projetos político-pedagógico, contudo a prática cotidiana da escola não está em consonância com esses documentos, quando não há combate das formas de discriminação.

O fazer pedagógico precisa ter um olhar voltado para as diferenças individuais e uma sensibilidade para detectar situações constrangedoras entre os estudantes, não há receitas prontas, mas a partir da exigência da lei é necessário estudo e reflexão sobre o tema para não trabalhar de maneira equivocada ou idealizada.

Por isso ao elaborar um cartaz ou mesmo ao receber esse material pronto, advindo do anexo de um livro didático, é necessário que os professores não tenham apenas um olhar meramente estético sobre o mesmo, mais um olhar apurado sobre as ideias veiculadas no mesmo, pois o racismo que está no plano das ideias e se concretiza no uso de imagens estereotipadas.

Na presente pesquisa percebemos que o negro aparece sempre em segundo

plano, são sub-representados, produzindo assim a reprodução do preconceito racial junto ao alunado.

Enfim, assim como diz Nelson Mandela que “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.” Portanto os professores figuram um dos papéis mais importantes na implementação da Lei 10.639/2003 no ambiente escolar, pois ao desenvolverem um papel de mediadores ideológicos diante dos materiais que possuem a presença de preconceitos e estereótipos, promovem a construção de uma sociedade mais justa e equitativa e quem sabe livre do racismo.



## 7. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a Auto-Estima da Criança Negra. In MUNANGA, K. (org). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília, 2005.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília: A Secretaria, 2004.

BRASIL. **Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres** / [organização Ana Paula Brandão]. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

CAVALHEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 5 ed - São Paulo: Contexto, 2006

GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In MUNANGA, K. (Org). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

MONTEIRO, José Lemos. **Os significados do Lexema Negro segundo abonações dos escritores brasileiros**. In Grupo de Estudos do Nordeste. Revista Ano 4, número 2, 2002, disponível em <[http://www.gelne.ufc.br/revista\\_ano4\\_no2\\_30.pdf](http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_30.pdf)> Acesso em 18/07/2014

MUNANGA, Kabengele. organizador. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

PACÍFICO, Tânia Mara. TEIXEIRA, Rozana. **Negritude e Branquidade em livros didáticos de História, Língua Portuguesa e Educação Física**. In: 36ª Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, GoiâniaGO<<http://www.anped.org.br/reunioes/36ra/trabalhos/trabalho/GT21-1808-Int.pdf>>. Acesso em 08/09/2013

SÁ, Leonardo. Combater a discriminação para promover a liberdade. **Nova Escola**, São Paulo, n.º 272, p. 16-17, ano 29, maio de 2014.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. **Personagens negros e brancos em livros didáticos de língua portuguesa**. In: 29.ª REUNIÃO DA ANPED, 2007, Caxambu-MG<<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT21-1808--Int.pdf>>.

Acesso em 08/09/2013

SANT'ANA, Antonio Olimpio de. História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados. . In MUNANGA, K. (Org). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

SEED – PR. **Processo N.º 880/2006.** Disponível em  
<[www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/.../deliberacao042006.PDF](http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/.../deliberacao042006.PDF)  
02/08/2006 - >. Acesso em 22/09/2013